

Quarto Centenário da Psiquiatria Forense

Guido Arturo Palomba



Este ano comemora-se, com muito louvor, quatro séculos da obra *Quaestionum Medico-Legalium*, de Paulo Zacchia (1584-1659), iniciada em 1621 e finda em 1656.

O autor, *legumperitu* da Sacra Rota Romana, dedicava-se às causas eclesiásticas e profanas de Roma e do Estado Pontifício. Foi um dos médicos que mais tiveram prestígio em vida e reconhecimento após a morte. É conhecido como Pai dos Peritos.

Sua obra é dividida em sete livros reunidos em três tomos. Na primeira edição, Venetiis, de 1737, da tipografia Bonifacii Viezzeri, que ilustra este artigo, no tomo I, o livro 2 é totalmente dedicado à Psiquiatria Forense, o primeiro do gênero publicado no mundo.

Lido à distância de 400 anos, tem conceitos válidos no presente. O conteúdo trata da “demência e dos males da razão”. Discute várias ques-



Índice do primeiro livro de Psiquiatria Forense editado no mundo.

tões, entre elas, "sinais da mente insana", "ignorantes, melancólicos e ébrios", "lunáticos e epiléticos", "maníacos, furiosos, fanáticos, parafrênicos e hipocondríacos". Interessante lembrar que aborda o "dilucida intervala", intervalo lúcido que alguns doentes mentais podem apresentar e exige do perito especial atenção, uma vez que é momento médico-jurídico importante e carregado de conceitos psiquiátrico-forenses.

Essa pioneira obra da Psiquiatria Forense, que marca oficialmente o início da especialidade, viveu até a vinda do tratado moderno de Richard von Krafft-Ebing, há 125 anos.

Dessa época para os dias atuais há vários trabalhos completos sobre a especialidade, publicados em diversos idiomas. Todos os de qualidade são descendentes do quatrocentenário Paulo Zacchia.



Guido Arturo Palomba
Diretor Cultural da APM.

O professor

Lybio Junior

Que figura curiosa e interessante esse "cara" chamado professor. Leva em si um pouco do ambulante do filósofo, do cientista, do ator

e, ainda, pode-se dizer, que é seu normal, ser paciente, motivador, possuir nervos de aço. Há momentos que se transforma em general, em outros, empático, é um perfeito palhaço.

No fundo, é só um sujeito desprendido, que quer compartilhar, como um amigo, aquilo que aprendeu, sua experiência, disfarçado na roupagem sóbria da docência.

Sofre muito também, é bem verdade, quando chega a hora dos alunos voarem do ninho. Os aplaude e vibra sorrindo, com carinho, enquanto, o coração partido, chora de saudade.

Vem as novas turmas, e tudo novamente, o tipo de cada estudante de novo contagia. Há o interessado, o contestador, o displicente, o engraçado, o emburrado, o cheio de alegria.

Para essa vida intensa de estratégias e dedicação, a grande compensação se encontra no sucesso, nas vitórias, nas conquistas do aluno egresso, e, também, na amizade que fica, na sua gratidão.

Posto que, não há nada mais gratificante, para quem se doa com envolvimento e com amor, que ouvir um dia, do ex-aluno brilhante: você me serviu de inspiração professor.



Arteterapia

Fabia Cilene Dellapiazza

A arteterapia tornou-se oficialmente reconhecida como recurso terapêutico após ser citada nas políticas de práticas integrativas e complementares pela Portaria do Ministério da Saúde n. 849, de 27 de março de 2017.

É ferramenta já utilizada por muitos profissionais da saúde mental em suas intervenções, baseadas no conhecimento de ensaios e publicações de Sigmund Freud, Carl G. Jung, Nise da Silveira, Osório Thaumaturgo César, entre outros, contribuindo para "leitura" e interpretação junto ao paciente e sua demanda.

No Brasil, e de forma pioneira, a grande contribuição chegou por intermédio do médico psiquiatra e anatomopatologista Osório Thaumaturgo César no final da década de 1930, no Hospital do Juqueri, em Franco da Rocha/SP, local onde fundou a Escola Livre de Artes Plásticas.



A arteterapia conduzida por profissionais aborda de forma híbrida a linguagem verbal e não verbal, traduz sentimentos, sensações e emoções.

Neste mesmo contexto, outras contribuições foram somadas com Abraham Palatnik e Almir Mavignier, artistas plásticos que utilizavam dessa intervenção muito antes do reconhecimento terapêutico ser abordado na literatura. São fomentadores desta prática ao lado de Nise da Silveira, entre 1948/1950 no Serviço de Terapia Ocupacional e Recreativa do Hospital Psiquiátrico Pedro II, no subúrbio carioca do Engenho de Dentro.

Exemplo ímpar e de reconhecimento internacional de que arte e loucura apresentam "sinergia" para bons prognósticos é Vicent Van Gogh, certamente esta prática contribuiu para minimizar danos, sinais e sintomas relacionados aos níveis de seu sofrimento psíquico.

A arteterapia conduzida por profissionais aborda de forma híbrida a linguagem verbal e não verbal, traduz sentimentos, sensações e emoções.

Paciente Júlio, sem título, 21 x 21 cm, crayon sobre papel.

Outro aspecto observado nesta prática é o desenvolvimento de vínculos, empatias e o despertar para talentos naturais.

A experiência externada nesta prática pode ser observada nos cinco sentidos (tato, audição, visão, paladar e olfato) e com a mediação técnica, definimos escolhas, fomentamos a autoestima/cuidado/conhecimento, reflexão, bem-estar, verbalizamos desejos, necessidades, pensamentos e intenções, minimizando danos transitórios aparentes ou não.



Paciente Jean, sem título, 31,5 x 21,5 cm, pastel sobre papel.

Entendemos que arteterapia também pode responder aos estímulos a partir dos "gatilhos" que o profissional provocará a partir da demanda interna do indivíduo, que conseqüentemente está relacionada à vivência a ser superada dentro do contexto do adoecimento.

As atividades podem ser direcionadas aos atendimentos individuais ou grupais, a depender de uma série de critérios avaliados na anamnese e da disposição dos pacientes em dividir as experiências mais ou menos traumáticas.

No caso dos grupos terapêuticos, os estímulos podem até serem os mesmos, mas a maneira como cada um responderá certamente terá uma intensidade ou subjetividade envolvida, pois compreendemos que somos seres únicos.

Outro aspecto observado nesta prática é o desenvolvimento de vínculos, empatias e o despertar para talentos naturais.

Modelagem, escultura em argila, mandala, pintura, colagem... são algumas das atividades que ao desenvolvermos "desmancham" a rigidez psíquica e proporcionam a flexibilidade criativa, a imaginação, o relaxamento e a ousadia. Trabalhamos, início, meio e fim, coordenação motora, propriocepção, disciplina na organização da atividade e adaptação, acreditamos que o psiquismo não é engessado e pode manifestar-se por todo corpo.

Fabia Cilene Dellapiazza

Terapeuta Ocupacional. Aprimoramento em Saúde Mental. Título de especialista em Acupuntura (COFFITO).



Ruth Vidal da Silva Martins

(01/07/1934 – 26/01/2021)

“Que a tua vida não seja uma vida estéril. Sê útil. Deixa rasto. Ilumina com o resplendor da tua fé e do teu amor.”
(São Josemaria, *Caminho*, n. 1)

Ruth

Ives Gandra Martins

São Paulo, 26/01/2021

A dor e a paz eu sinto a cada instante,
Perdi o meu amor de toda vida,
Amei-a sempre desde que era infante,
Sem aceitar jamais a despedida.

Nos céus, Deus a recebe como santa,
De lá a todos nós protegerá.
A Virgem cobrirá com sua manta,
Mais bela que a da bela de Sabá.

A paz é que, no tempo, a reveerei,
Pois ela sempre foi meu caminho.
E versos para ela escreverei,
Com Cristo, em pleno amor e com carinho.

Dê-me força, querida, nesta trilha,
Para bem conduzir nossa família.

CURIOSIDADES ALCOÓLICAS

choque-choque

Bebida altamente tóxica, forte e lesiva, feita à base de gasolina. Essa substância, no Brasil, tem uma certa porcentagem de álcool, o qual, em parte, compõe o choque-choque. O modo de preparar é o seguinte: pega-se uma garrafa de plástico e adiciona-se uma parte de gasolina para meia de água. Chacoalha-se a mistura, cujo barulho, “choque-choque”, dá nome à bebida.

Depois, deixa-se em pé, de ponta-cabeça, para descansar por 30 minutos. Ambas as substâncias são imiscíveis: na parte de baixo fica a água que “lavou” a gasolina, e esta na parte de cima. Como o receptáculo está de ponta-cabeça, no gargalo da garrafa é improvisada uma tampa em forma de torneira, a qual, aberta, verte choque-choque, tomada pura ou com açúcar.

Os usuários relatam que tal substância embebeda rapidamente.

Foi criada pelos coletores de piaçaba, uma vez que o álcool foi proibido nos cultivos dessa planta e nos campos de colheita devido ao grande número de bebedores. Na falta da cachaça e demais alcoólicos, os piaçabeiros criaram o choque-choque.

Guido Arturo Palomba
Psiquiatra Forense.

A Mulher e Santo Agostinho

José Carlos Barbuio

A ideia de que nascemos pecadores e a do sexo como pecado NÃO vieram de Jesus nem de Deus, mas foi Santo Agostinho (séc. IV d.C.) quem as trouxe para o credo cristão. O mito da superioridade do homem em relação à mulher surgiu, também, com Santo Agostinho – maniqueu de África, convertido ao Cristianismo –, após sua interpretação literal da história de Adão e Eva. Até então, a História do homem e da mulher nus, quando tidas por vítimas da serpente maligna e das árvores mágicas, não passava de lenda, metáforas da Bíblia, sem grande consequência. Em seus livros *Confissões*, *A Cidade de Deus*, e *O Sentido do Génesis*, Santo Agostinho deu, a tais recontos, ares de verdade absoluta. Na primeira das obras citadas, fixa bem o pensamento discriminatório: “a mulher foi criada fisicamente para o homem” e “... é fora de dúvida que ela possui um espírito e uma inteligência racional, iguais aos dos homens, mas seu sexo a coloca sob a dependência do sexo masculino...” (Livro 12º, Capítulo 32).

Agostinho era professor de literatura e tinha vida libertina, com muitas amantes, e ainda um filho, além de uma relação de amor doentio com sua mãe, que se chamava Mônica, a quem ele dedica espaço em mais de um capítulo de *Confissões*. Após a conversão, levou ao pé da letra a passagem de Adão e Eva e o *Originale Pecatus*. Daí sua convicção de que os seres humanos nasceram em pecado, e que as crianças, também pecadoras, estavam sujeitas até mesmo ao espancamento! De



maneira absurda, defendia com devoção e empenho obsessivo a concepção da mulher, não como indivíduo humano autônomo, e sim um ser derivado do homem, tendo levado a sério a ideia da costela de Adão.

Advieram, destes postulados misóginos de fé, séculos e séculos da concepção da INFERIORIDADE da mulher. Sem medo de errar, podemos afirmar, pois, que a lenda – ou simbologia mistificada – de Adão e Eva nasceu de fato no século IV da era cristã e, não, do momento em que Deus criou o homem.

José Carlos Barbuio
Advogado e Escritor.



coluna do livro

As fronteiras da demonologia e da psiquiatria

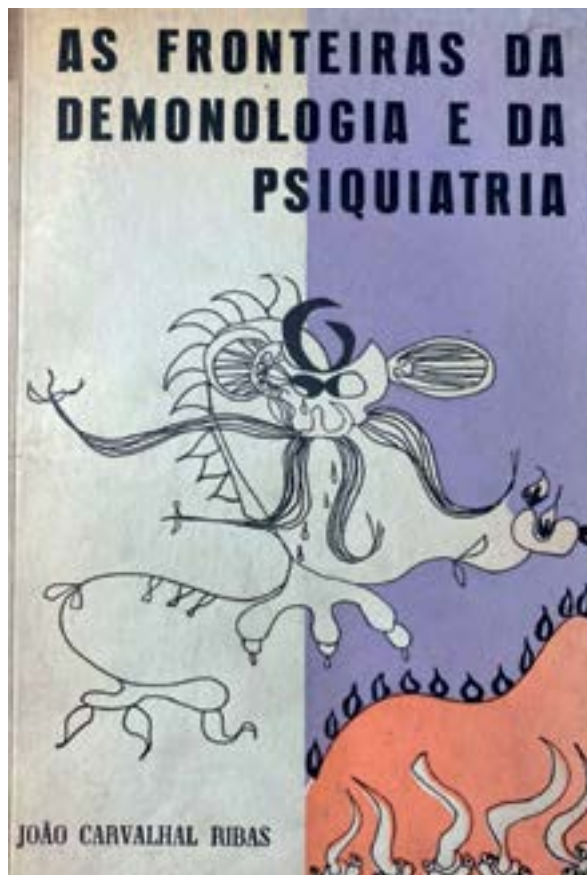
Com o título acima, João Carvalho Ribas (1914-2000), um dos mais ilustres psiquiatras brasileiros de todos os tempos, escreveu a genial obra que aborda a demonologia e a psiquiatria, lembrando que o homem dito normal, quando viu um louco pela primeira vez, não sabendo o que era, atribuiu-lhe possessão pelo diabo, dando o nome de epilepsia: *epi*, o que está acima; *lepsi*, abater; *epilepsis*, abater por cima. Ou seja, o diabo entrava por cima da cabeça e ficava sacudindo o energúmeno (possuído pelo demônio) no chão. Era a possessão demoníaca completa, hoje, epilepsia neurológica.

Tinha a possessão demoníaca incompleta, quando o diabo entrava (por cima) e se apossava da mente do indivíduo, a falar coisas que ninguém entendia, ouvindo e respondendo a vozes que também ninguém escutava (alucinações e delírios). Hoje, psicose epiléptica.

E, finalmente, tinha o homem ruim, bruxo, que fazia pacto ou era votado ao diabo. Hoje, personalidade condutopática (psicopata).

O livro descreve com minudência e alta erudição as fronteiras da demonologia e da psiquiatria. Tem 182 páginas, com ilustrações, Edigraf, 1964, capa original.

Adquirido pela APM em alfarrábio, na década de 1980.



Guido Arturo Palomba
Diretor Cultural da APM.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba

Diretor Adjunto: Cleusa Cascaes Dias

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*)

Cinematoteca: Wimer Bottura Júnior

Pinacoteca: Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina:

Jorge Michalany (curador, *in memoriam*)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.